

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

PLATAFORMAS DE COLABORAÇÃO EM REDE: QUEM ENSINA E QUEM APRENDE?¹
NETWORK COLLABORATION PLATFORMS: WHO TEACHES AND WHO LEARNS?

Iêda Zimmermann²

¹ Texto produzido a partir do Projeto Interdisciplinar desenvolvido pelo Curso de Ciências Biológicas da UFFS - Universidade Federal Fronteira Sul, campus Cerro Largo. 1sem/2017

² Mestre em Educação nas Ciências UNIJUI. Graduada em Informática UNIJUI (1999) e em Sociologia UNIJUI (2014). Professora na ETE 25 de Julho Curso Técnico em Informática. Professora Substituta na UFFS Universidade Federal Fronteira Sul, campus Cerro Largo.

Resumo

Em dias de grandes discussões sobre as dificuldades de levar a efeito os propósitos do ensinar/aprender nos espaços escolares, as Plataformas de Colaboração em Redes surgem como um horizonte de boas perspectivas. Ocorre que invariavelmente o público infantil, jovem e adulto está muito envolvido com as tecnologias da informação e comunicação, principalmente no que se refere à redes sociais, chats de discussões e trocas de mensagem. A velha dupla giz e quadro negro perecem, definitivamente. O presente artigo propõe uma reflexão entorno das possibilidades que existem e sobre o novo campo de disputas. Trata-se de abordar um necessário deslocamento do papel do professor, historicamente construído, para uma perspectiva de aluno aprendiz. O professor aprende enquanto ensina e ensina enquanto aprende. Necessário. Didático. Certamente existe um entorno escolar que demanda políticas públicas efetivas para melhorarmos os níveis de rendimento e os indicadores sociais, porém, a presente reflexão aborda o que já está disponível em algumas Plataformas de Colaboração e como podemos utilizá-las a favor do fazer pedagógico de cada professor.

Palavras-chave: Tecnologia; Educação; Plataformas Colaborativas

Abstract

In days of great discussions about the difficulties of carrying out the purposes of teaching / learning in school spaces, the Collaboration Platforms in Networks appear as a horizon of good perspectives. It happens that the children, youngsters and adults are invariably involved in information and communication technologies, especially in social networks, discussion chats and message exchanges. The old double chalk and blackboard perish, definitely. This article proposes a reflection around the possibilities that exist and the new field of disputes. It is about tackling a

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

necessary shift from the historically constructed teacher role to a learner-student perspective. The teacher learns as he teaches and teaches while learning. Required. Didactic. Certainly there is a school environment that demands effective public policies to improve income levels and social indicators, however, the present reflection addresses what is already available in some Collaboration Platforms and how we can use them in favor of the pedagogical doing of each teacher.

Keywords: Technology; Education; Collaborative Platform

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tão logo o homem surge na terra, também começam aparecer registros do seu esforço em colocar a natureza a serviço da vida cotidiana. Foi assim com o fogo, a roda, o arco, o bronze e o ferro, entre tantas outras descobertas. As tecnologias primitivas foram, sem dúvida, o “empurrão” que faltava para a evolução das sociedades da época à sociedade que temos hoje. As primeiras tecnologias, embora rudimentares, levaram a um aumento da qualidade de vida e têm grande importância até hoje.

Na contramão dos avanços tecnológicos e das novas linguagens, fruto da conectividade que a Internet proporciona, estamos perdendo em qualidade na educação por vários motivos. Talvez, um deles, seja porque não conseguimos conhecer a tempo de colocar a nosso favor, o potencial das ferramentas colaborativas, facilmente encontradas na web.

Este artigo pretende ser um breve olhar sobre algumas plataformas colaborativas no intuito de despertar interesse dos professores por conhecê-las e colocá-las na pauta do dia. Afinal, conforme Demo (2008, p. 13), antes de qualquer coisa, “[...] a melhor tecnologia na escola ainda é o professor [...]”. Em função do interesse que as tecnologias exercem sobre o público infantil, juvenil e adulto e da intimidade destes com ela, nada mais justo que unir as duas coisas.

Um exemplo de sistemas computacionais são as plataformas de colaboração em rede, utilizadas em diversos âmbitos como empresarial e educacional, inovando através da construção de conhecimento colaborativo, por meio da colaboração individual e/ou coletiva dos envolvidos.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

2. PLATAFORMAS DE COLABORAÇÃO EM REDE

Na história do homem, conforme foram surgindo necessidades, também apareceram formas de suprimi-las com mais invenções e novas descobertas. Fato é que a cada época, a seu modo, existiram e ainda existem tecnologias que foram imperativas no modo de organização da sociedade. Sempre que houve interesse entre os implicados, avanços aconteceram mais rápido e uma sociedade foi se destacando da outra; a exemplo da descoberta da Bússola pelos Chineses, das Grandes Navegações realizadas pelos Portugueses, da Revolução Industrial ocorrida na Europa e tantos marcos civilizatórios determinados pela habilidade do homem em dominar a natureza e colocá-la a seu serviço. A associação faz força. A colaboração também.

Uma rede de colaboração consiste basicamente na interação entre entidades com competências e interesses distintos, que cooperam para atingir objetivos comuns e individuais, simbioticamente no mesmo ambiente de acolhimento (CHITUC e AZEVEDO, 2005). Nessa perspectiva, as plataformas de colaboração simbolizam um canal de comunicação e colaboração em ascensão, também nos espaços escolares. A ideia de entrelaçamentos é fundamental para a própria concepção de conhecimento na contemporaneidade. Não é uma questão de competitividade, mas de sobrevivência absorver a dinâmica dos novos canais de ensinar/aprender. Além de atraentes, costumam ser viáveis economicamente, com custo relativamente baixo e retorno garantido. O volume de trocas costuma ser grande e muito variado, são muitas cabeças discutindo temas com olhares diferentes entre si. A riqueza é a diversidade e não cabe em um único livro. Didático.

Estamos vivenciando um momento importante em função das tecnologias digitais e o compartilhamento de informações potencializa a busca por inovação, a partir da sua gênese, não restringindo a propriedade intelectual e/ou a utilização de recursos humanos e/ou técnicos, independente ao tempo-espaço que cada integrante está vivenciando. Todos somos chamados a contribuir, pois de modo individual, não é mais possível ou viável. Precisamos colaborar uns com os outros pois estamos interligados pelo meio ambiente, políticas globais, economia, cultura e educação. Globalizados. Negar as possibilidades que a tecnologia nos trazem seria um retrocesso, então, é preciso adaptar-se e usufruir o melhor delas.

No caso específico dos profissionais da educação, isso pode representar a renúncia da postura de simulacro do saber à postura de eterno aprendiz. Fomos capturados por uma rede visível e invisível ao mesmo tempo. Não dá pra escapar simplesmente. Os indivíduos compartilham quase tudo, do melhor ao pior do ser humano, o que se quer dar a conhecer está nas redes sociais. O comportamento individual está, portanto, fortemente influenciado pelo coletivo. Os coletivos estão na rede, e a rede é o novo quadro negro, a nova sala de aula, o novo campo de disputas. Para participar, cada indivíduo precisa de um computador, uma conexão de rede e uma faísca de iniciativa e criatividade (TAPSCOTT & WILLIAMS, 2007, p.19). Diversas são as plataformas disponíveis para colaboração em rede, com foco em grupos distintos e objetivos diversos. As plataformas de colaboração estão em ascensão nas áreas do conhecimento com destaque para a educação *online*, efetivada pelos Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA, como o *Edmodo*, *Moodle* e o *TelEduc*.. Uma das plataformas de colaboração que está em evidência é a *Wiki*,

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

considerada uma referência de plataforma aberta. É uma ferramenta que potencializa o aprendizado associando a colaboração, troca de experiências e a cooperação entre usuários. A *Wiki* baseia-se nas normas do *open source*, que, por sua vez, é uma iniciativa baseada em 4 princípios fundantes, chamados de liberdades, a saber:

1. Liberdade de executar o software: para qualquer uso;
2. Liberdade de modificar o software: estudar o funcionamento de um programa e de adaptá-lo às suas necessidades;
3. Liberdade de redistribuir cópias;
4. Liberdade de melhorar o programa e de tornar as modificações públicas de modo que a comunidade inteira beneficie da melhoria.

Essas “liberdades” garantem que nenhuma pessoa física ou jurídica possa se apropriar de algo que foi e está sendo desenvolvido coletiva e colaborativamente baseado na licença de software GNU-GPL. Conforme especifica o site oficial de software livre (<https://www.gnu.org/licenses/licenses.pt-br.html#GPL>): “A Licença Pública Geral GNU é frequentemente chamada, de forma abreviada, de GNU GPL; ela é utilizada pela maioria dos programas GNU, assim como mais da metade de todos os outros programas de software livre”. A lógica que dá sustentação às liberdades é a regra de ouro para que este modelo de desenvolvimento se perpetue. Todos devem retribuir à comunidade a ajuda que receberam um dia, levando a efeito um compartilhamento saudável e profícuo do conhecimento acumulado e disponibilizado para todos que dele quiserem se utilizar.

2.1 PLATAFORMAS DE COLABORAÇÃO EM REDE NA EDUCAÇÃO ONLINE

O nível de evolução tecnológica determina, em amplo sentido, o modo de organização da sociedade. Esta, a sociedade, está em constante movimento gerando demandas novas e sendo desafiado por antigas. Algumas ainda não resolvidas, sob vários aspectos, com destaque para a educação. Portanto, atuar nesta área, precede uma constante busca por novos métodos de ensinar/aprender. Nos ambientes virtuais (Internet e meios de comunicação em massa) nem sempre o processo educativo é efetuado de maneira consciente por ambas as partes (quem ensina e quem aprende), ou seja, ajustando o foco do olhar: na contemporaneidade, o desafio é levar a efeito os propósitos de uma educação inovadora em uma escola organizada aos moldes do século passado, pois para as novas gerações não existem barreiras entre o real e o virtual. O próprio conceito de presencial está sendo revisto e será cada vez mais natural a realização de atividades a distância mediadas por tecnologias. Este processo acontece de diversas formas, uma delas é a educação a distância mediada por meio da educação *online*. Conforme Moran (2007, p.2), educação *online* é o local onde:

[...] o aluno se conecta a uma plataforma virtual e lá encontra materiais, tutoria e colegas para aprender com diferentes formas

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

de organização da aprendizagem: umas mais focadas em conteúdos prontos e atividades até chegarmos a outras mais focadas em pesquisa, projetos e atividades colaborativas, onde há alguns conteúdos, mas o centro é o desenvolvimento de uma aprendizagem ativa e compartilhada.

Portanto, a educação *online* é potencializada em Ambientes Virtuais de Aprendizagem - AVA. Estes, pela própria definição, são plataformas de colaboração. Conforme Kenski (2007), os AVA são "sistemas computacionais disponíveis na Internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação". Diversos AVA são desenvolvidos para efetivar a educação *online*, e/ou promover aprendizagens, cada um com suas características e recursos distintos, alguns com controle de acesso, outros com restrições de participação outras com ou sem moderador; entre eles destacam-se estão o *Moodle*, *TelEduc* e *Edmodo*, já citados anteriormente.

Os ambientes virtuais de aprendizagem, conforme Mason (appud Okada 2004, p.4), podem oferecer três tipos de ensino *online*, para cada um será a característica do ambiente, sendo eles, o Ambiente Instrucionista, Ambiente Interativo e Ambiente Cooperativo. O **Ambiente Instrucionista** é focado no conteúdo, tendo tutoriais e formulários como suporte, possuindo interação mínima e prática individual dos estudantes. O **Ambiente Interativo** é focado na interação *online*, com práticas de discussões e reflexões, o qual envolve diretamente os participantes. Contudo, percebe-se que a mediação pedagógica é constante e as interações acontecem tanto de forma síncrona como assíncrona. O terceiro e último, o **Ambiente Cooperativo**, objetiva o trabalho colaborativo e *online*, com grande interação entre os participantes, com mediação pedagógica não tão intensa, pois o conteúdo e a construção são determinados pelos indivíduos do grupo.

Essas três classificações podem ser encontradas no mesmo AVA, pois o que os caracteriza são as posturas pedagógicas, ou seja, é possível ter comunidades diferentes utilizando o mesmo ambiente, porém com práticas distintas como instrucionistas, interativas ou cooperativas. Já os ambientes cooperativos e colaborativos são considerados ambientes de alto nível de interação e cooperação, devido a suas dinâmicas e mediações pedagógicas.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR/FACILITADOR NAS PLATAFORMAS DE COLABORAÇÃO EM REDE

Em um cenário onde os meios de comunicação, principalmente a Internet, travam disputas por visibilidade, o compartilhamento de informações coloca em xeque o papel do professor enquanto único centralizador das dinâmicas da sala de aula. Seu papel assume novo significado e passa a ser o de mediador, incorporando as ferramentas tecnológicas e seu potencial garantidor de equidade e qualidade da educação, aproximando a escola do universo do aluno. E não o contrário. O que é muito significativo e demasiado importante.

Dito de outra forma, ao professor mediador cabe olhar para dentro das suas redes e entender

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

como, a partir dos modelos de ensino vigentes, é possível usar os recursos e infraestruturas disponíveis e colocá-los a serviço das transformações da educação conectando as escolas construídas e instituídas aos moldes do século passado às escolas do século 21.

A informação é cada vez mais abundante, fica evidente que a questão central não é a simples disponibilização da informação, mas sim, a facilitação de processos de aprendizagem em que a seleção e a organização da informação brigam contra um déficit de atenção. Nesse contexto, o professor se torna essencial como facilitador, animador e/ou mediador de processos. Moran (2003) aponta que o domínio pedagógico e gerencial das novas tecnologias pode facilitar o processo de aprendizagem e, portanto, as mediações pedagógicas nos ambientes virtuais cooperativos são responsáveis por grande parte da motivação, o que reverte no envolvimento e participação dos atores. O espaço deixa de ser as paredes das salas de aula e se converte na interação, cooperação e colaboração dos envolvidos em outra perspectiva, seja por meio de *chats* ou fóruns, assim como diversas dinâmicas que objetivam estimular a escrita coletiva; a avaliação; o questionamento; o compartilhamento de recursos. A construção do conhecimento se dá em outro nível de interação, promovendo o aprendizado colaborativo e a constante troca de experiências.

Nas configurações da ferramenta, é possível que os alunos criem seus tópicos de debate, insiram arquivos, imagens e recebam notificação de novas mensagens no fórum por e-mail. O professor (ou tutor) é quem faz a mediação das discussões e ajuda na interação dos participantes. Ele é, portanto, deslocado de seu papel tradicional para uma posição de mediador, de interlocutor e precisa estar disposto a essa troca caso contrário os resultados podem ser desastrosos.

Cabe destacar que toda mudança é um processo lento e gradativo, apesar das dificuldades já avançamos bastante considerando, como alerta Bonilla :

São exemplos de padrões naturalizados pela escola os métodos e programas calcados em lógicas lineares e a preocupação demasiada em possibilitar aos educandos o mero acesso a informações, descuidando-se de torná-las significantes. Presa a ritos e padrões, a escola se fechou para as transformações sociais que ocorrem no contexto onde está inserida, de forma que hoje se observa uma distância muito grande entre o mundo da escola e o mundo fora dela, seja este o mundo do trabalho, seja o do lazer. (BONILLA, 2005, p. 69)

Não trata-se de culpabilizar o professor e/ou a Escola, pelas dificuldades que vivenciamos. Longe disso. Trata-se de abordar, de discutir a necessidade de reposicionarmos papéis historicamente construídos, engessados e programados para atuarem sempre da mesma forma: preparando alunos para um mercado de trabalho que também já não é mais o mesmo. O grande desafio está posto: a colaboração na perspectiva da construção de uma escola voltada a lapidar a formação de pessoas com capacidade de contribuir, dialogar e achar coletivamente soluções para seus desafios, mais que disputar um posto de trabalho simplesmente. Acredita-se que aliada à aprendizagem colaborativa, a tecnologia possa potencializar as situações em que professores e alunos pesquisem, discutam e construam individual e coletivamente seus conhecimentos. Uma plataforma de colaboração pode ser considerada como um recurso para a aprendizagem

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

colaborativa, pois além de servir para a organização das mais diversas atividades, pode ser o primeiro ensaio para que alunos colaborem uns com os outros nas atividades de grupo e na vida cotidiana de maneira geral.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A colaboração é a palavra de ordem nas redes sociais, muitos grupos se formam em função de objetivos comuns e a partir daí o improvável pode acontecer. Colaboração também é a palavra de ordem nas escolas, onde cada indivíduo é convidado a contribuir, auxiliar, compartilhar com seus pares para que todos sejam beneficiados, em amplo sentido. Nessa perspectiva, as plataformas de colaboração representam “a bola da vez” no campo da educação. Elas têm uma dinâmica de funcionamento que independe a espaço e tempo. Mais que isso, em dias em que praticamente tudo é compartilhado nas redes sociais, possibilitam o conhecimento coletivo por meio da colaboração individual, ou seja, transformam o individualismo em um trabalho de grupo, independente da situação geográfica dos participantes, seja na empresa ou na escola, pois o importante é colaborar para inovar e aprender. Assim, seguem as revoluções constantes nas plataformas de colaboração em rede e estas colocam em xeque o papel do professor tradicional e o desafiam a inserir-se na via de mão dupla das plataformas e dos ambientes virtuais de aprendizagem, reposicionando-se continuamente. Obviamente que o professor pela sua formação curricular e bagagem é um ator especial.

Certamente que para levarmos a efeito melhorias nos indicadores de educação uma ampla reforma no ensino precisa ser implementada e a educação deve sair da situação de descaso em que se encontra. Muito temos perdido, sob vários aspectos, em função da precarização do ambiente escolar e do descaso com os educadores em termos de valorização e reconhecimento. As escolas têm sido vítimas de constantes atos de violência, real e simbólica. Entre o que existe e o que almejamos que seja possível, há uma longa distância a ser percorrida, isso passa pelo Governo (políticas públicas para além de partidos políticos), pela sociedade e pelas pessoas que estão nos espaços escolares. A ampla maioria dos alunos que tem chegado às escolas convive diariamente com seus aparelhos conectados à Internet, muitos, inclusive, se entendem melhor com as tecnologias que os próprios professores, são peritos em termos de redes sociais e ávidos por novidades. O campo de disputa está posto, como já dissemos, o desafio também. O professor precisa desmistificar-se e buscar utilizar as tecnologias da informação e comunicação, redes sociais e as plataformas de colaboração em rede como ferramentas facilitadoras do processo de ensino e aprendizagem. Para que isto ocorra, faz-se necessário uma capacitação constante por parte do corpo docente, pois por meio de um manuseio adequado das tecnologias disponíveis conseguiremos fazer com que haja uma maior interação entre professor aluno e aluno-aluno e o aprender não ficará restrito apenas às salas de aula, mas sim incorporado na realidade do próprio aluno.

Em suma, a utilização da interação mediatizada no processo de ensino-aprendizagem, criada pelas redes eletrônicas, modificam a dinâmica do questionamento e da reflexão no meio educacional. A nova cultura educacional requer um novo estilo de pedagogia que favoreça, ao mesmo tempo, os

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

aprendizados personalizados e o aprendizado colaborativo em rede. As plataformas de colaboração em rede são o novo caderno e livro didáticos. Precisamos alfabetizarmo-nos juntos! Coletivamente.

REFERÊNCIAS

BONILLA, M. H. Escola aprendente: para além da sociedade da informação. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

CHITUC, C-M. & AZEVEDO, A.L. Multi-Perspective Challenges on Collaborative Networks Business Environment. Collaborative Networks and their Breeding Environments. New York: Springer, 2005.

GESTÃO DE REDES DE COLABORAÇÃO: CONCEITOS E APLICAÇÕES

(PDF Download Available).

Available from: https://www.researchgate.net/publication/268178595_GESTAO_DE_REDES_DE_CO_LABORACAO_CONCEITOS_E_APLICACOES [accessed Apr 28, 2017]

DEMO, P., **Habilidades do Século XXI** Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, v. 34, n.2, 2008. Disponível em: . Acesso em: 02/10/2010.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias**. 3ª Ed. Campinas: Papirus, 2007.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Além das redes de colaboração: Internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**.

MORAN, José. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line**. Texto extraído do livro Educação a Distância: Pontos e Contrapontos, 2007, p.47-52. Disponível em: . Acesso em: 11 jan. de 2015.

OKADA, Alexandra L. P. **Desafio para EAD: Como fazer emergir a colaboração e cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem?** 2004. Disponível em: <<http://people.kmi.open.ac.uk/ale/chapters/c04loyola2004.pdf>>. Acesso em: 11 jan. de 2015.

Evento: XXII Jornada de Pesquisa

TAPSCOTT, Don; WILLIAMS, A. D. ***Wikinomics: Como a Colaboração em Massa pode mudar o seu Negócio***. Tradução Marcello Lino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. Disponível em: . Acesso em: 11 jan. de 2015.

TYBUSCH, Jerônimo S. ***Plataformas para Colaboração em Rede***. Disponível em: . Acesso em 11 maio de 2016.